

A unidade do PFL 641

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — O atual retrato do PFL expõe um partido dividido às céticas quanto às chances de seu candidato, desconfiado das intenções do ex-prefeito Jânio Quadros e sem alternativas a curto prazo. Entretanto, alguns de seus líderes mais consequentes já estão com tintas e pincéis na mão para dar ao retrato disforme os retoques indispensáveis para que o segundo maior partido do País tenha sobrevida além de 15 de novembro e chegue a 1990 como um bom cabo eleitoral.

Aurelianistas, janistas, governistas, modernos e desgarrados do PFL agem como conjuntos matemáticos — ora se confundem, ora se afastam —, mas sempre se digladiam. Em comum, partilham uma avaliação: debaixo do mesmo teto, apesar das turras, têm mais força política do que teriam caso se dispersassem agora pelos partidos alheios. Aureliano Chaves desafia os dissidentes a abandonarem o PFL, mas eles no máximo vão saltar à convenção de amanhã.

Aureliano foi escolhido com 130 mil dos poucos mais de 200 mil votos das prévias do PFL em todo o País. A vitória foi significativa, mas não se pode desprezar o desempenho dos modernos, que concorreram com o senador Marco Maciel e ganharam em nove Estados.

Alguns dissidentes ameaçaram ir para Leonel Brizola, do PDT, outros para Fernando Collor de Mello, do PRN, e outros ainda para Mário Covas, do PSDB. Nenhum deles, contudo, admitiu publicamente a possibilidade de sair do PFL para aderir a qualquer desses partidos. É que os líderes nacionais já vinham exercitando tintas e pincéis desde o fim da Constituinte e argumentam com as lideranças regionais, ao pedir calma, com a mais pru-

dente leitura das atuais pesquisas de opinião: qualquer deflagração agora seria precipitada.

O mineiro Aureliano é turrão. O pernambucano Marco Maciel é excessivamente mineiro. Mas ambos são tidos e havidos como pessoas honestas confiáveis e líderes com grandeza. Em 1984, por exemplo, eram adversários, como candidatos potenciais do PDS, mas deram o passo histórico de se unir contra Paulo Maluf e a favor da transição democrática com Tancredo Neves. Se a primeira eleição presidencial direta assim o exigir, dá para apostar que eles novamente vão se unir em torno de um mesmo candidato.

As condições políticas para isso já estão criadas. Marco Maciel se comprometeu publicamente com a candidatura Aureliano. Aproximando os dois há, ainda, o advogado Cláudio Lembo — o janista que foi assessor de Maciel e é o virtual candidato a vice de Aureliano —, além do presidente e do segundo-vice-presidente do PFL, senadores Hugo Napoleão e Divaldo Suruagy —, que transitam bem entre aurelianistas e modernos.

Na estratégia dos líderes do PFL, os candidatos de centro estão apenas "segurando" seus partidos para, na hora da definição, lá por setembro, se unirem todos ao favorito entre eles nas pesquisas. Nas idas e vindas dos conjuntos do PFL, o resultado final poderá ser a fusão em torno de Mário Covas, Guilherme Afif Domingos, Affonso Camargo ou o próprio Aureliano, se ele se mantiver no páreo. Para agradar Aureliano, inclui-se na lista Ulysses Guimarães. Aí, contudo, qualquer aliança é mais difícil. O PMDB tem, sozinho, quadros suficientes para preencher todos os cargos do futuro governo. E é o adversário principal de todos nas eleições de 90.